

A PRESENÇA DA HISTÓRIA NA PRODUÇÃO DE MAGDA SOARES: USOS, TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS

THE PRESENCE OF HISTORY IN THE PRODUCTION OF MAGDA SOARES: USES, TRENDS AND EPISTEMOLOGICAL PERSPECTIVES

Isabel Cristina Alves da Silva Frade

Universidade Federal de Minas Gerais
icrisfrade@gmail.com

Ana Maria de Oliveira Galvão

Universidade Federal de Minas Gerais
anamariadeogalvao@gmail.com

RESUMO

O artigo tem como objetivo compreender como a abordagem histórica é mobilizada na produção acadêmica de Magda Soares. Busca, nessa direção, com base, especialmente, em um corpus de quatro publicações, identificar as questões de pesquisa, as tendências historiográficas, a perspectiva epistemológica, as fontes e seu tratamento, as justificativas para a construção desse olhar e os resultados dos estudos. A análise indica que a História é mobilizada em três dimensões: a rememoração, o apoio à argumentação na discussão de problemas contemporâneos e como fazer historiográfico propriamente dito. As contribuições dos referidos estudos da autora se concentram nos campos da história da escolarização, das disciplinas escolares e do livro didático, e da história do letramento. A posição epistemológica por ela privilegiada apresentava-se coerente com sua atuação em pesquisa, divulgação científica e ação educacional, ao estabelecer relações entre os fenômenos estudados e as práticas sociais, culturais e políticas mais amplas.

Palavras-chave: Magda Soares; abordagem histórica; escolarização; letramento

ABSTRACT

This article aims to understand how the historical approach is mobilized in Magda Soares' academic production. Predominantly based on a corpus of four publications, it seeks to identify the research questions, historiographical tendencies, epistemological perspective, sources and treatment, justifications for the construction of this view, and the results of her studies. Our findings indicate that history is mobilized in three dimensions: remembrance, argument support to discuss contemporary issues, and historiographical work. The contributions of these studies are mainly in the fields of the history of schooling, school subjects and textbooks, and the history of literacy. Her epistemological position was coherent with her research, scientific dissemination, and educational action work, as she established relations between the studied phenomena and broader social, cultural, and political practices.

Keywords: Magda Soares; historical approach; schooling; literacy

Introdução

O artigo tem como objetivo compreender como a abordagem histórica é mobilizada na produção acadêmica de Magda Soares. Trata-se de uma presença que se consubstancia em três principais dimensões: como rememoração, como apoio para construir argumentações sobre temas contemporâneos e como prática historiográfica propriamente dita (CERTEAU, 1982).

Para realizar o estudo, selecionamos um *corpus* de quatro principais publicações - dois capítulos de livros (SOARES, 2001a; SOARES, 2002a) e dois artigos publicados em periódicos (SOARES, 1996; SOARES, 2002b) -, em que essa manifestação é mais explícita, embora, em vários outros momentos de sua trajetória, a autora tenha insistido na importância - e, ao mesmo tempo, nas dificuldades - de pesquisas históricas serem realizadas. Eventualmente, durante a análise, também faremos referências a outras produções da autora. Buscamos, nessas publicações, identificar as questões de pesquisa, as tendências historiográficas, a perspectiva epistemológica, as fontes e seu tratamento, as justificativas para a construção do olhar histórico e os resultados dos estudos.

1. Por que mobilizar ou fazer história?

Neste tópico, iremos apresentar enunciados em que Magda Soares explicita ou justifica o porquê de se utilizar a abordagem histórica no estudo de diversos fenômenos educacionais.

De modo geral, podemos afirmar que a autora atribui, à História, um papel relevante para a compreensão do presente. Essa compreensão, de modo coerente com o que afirma em outras produções acadêmicas e com a postura que construiu ao longo da vida - de valorização da intervenção e da ação educacionais - deve, por sua vez, estar à serviço da transformação desse mesmo presente e da formulação de perspectivas de futuro. A História é vista, então, como uma ferramenta para que "(...) não façamos, no presente, interferências de forma a-histórica e acientífica" (SOARES, 2002a, p.176).

O presente que demanda compreensão é, de modo geral, marcado por problemas graves, por críticas, por insatisfações. Em texto de 2001a, quando problematiza a construção da concepção do professor-leitor nos livros didáticos de Português, Magda Soares justifica a escolha da abordagem histórica nessa direção: "parece que isso é característico de momentos em que o presente é criticado ou até rejeitado e busca-se o passado, na tentativa de encontrar explicação e compreensão para este presente que se revela insatisfatório" (SOARES, 2001a, p. 32). Em prefácio do livro de Frade e Maciel (2006, Orgs.), a autora (SOARES, 2006), na mesma direção, ao afirmar o crescimento da tendência da pesquisa histórica nos estudos da educação e do ensino, em particular do tema da leitura e da escrita, relaciona essa busca do passado à gravidade da questão da alfabetização, no presente:

(...) é que, quanto mais problemática é a área no presente, mais se busca recuperá-la no passado, na tentativa de encontrar, no caminho já trilhado, pegadas que expliquem o presente e assim orientem a solução de problemas e o avanço em direção ao futuro (SOARES, 2006, p.7).

A escolha pela abordagem histórica também é associada à crise pela qual passava o livro didático na época da publicação de um dos trabalhos - a década de 1990 -, pois cita polêmicas e críticas feitas ao seu uso (SOARES, 1996). Assim, abordar o gênero e compreender a sua historicidade como artefato contribui, na visão da autora, para desnaturalizar o papel a ele atribuído como controle e como mercadoria. Por revelar, a cada período, o processo de seleção de saberes considerados essenciais

para construção do repertório formativo de cada geração, o livro didático seria uma fonte para compreender as seleções, exclusões, metodologias e a política cultural e social que impõe certos modelos à instituição escolar.

Mesmo argumentando que a abordagem histórica é necessária quando o presente se revela insatisfatório, a autora não simplifica a ideia de que o ato de se voltar para o passado, por si só, resultaria na transformação dos problemas contemporâneos. Diante da constatação de que as pesquisas e a mídia afirmavam que o professor, no período em que escreveu o texto sobre as concepções de professor-leitor (SOARES, 2001a), tinha pouca familiaridade com a leitura, Magda Soares não emite juízo de valor ou propõe soluções para a mudança dessas condições, mas busca na História a compreensão dos fatores que ajudaram a construir determinadas concepções contemporâneas de professor-leitor. Essa compreensão da autora nos faz lembrar as palavras de um dos fundadores dos Annales, Marc Bloch, escritas quando estava em um campo de concentração, antes de ser fuzilado, de que a História não serve para julgar e condenar o passado - tampouco o presente: "Uma palavra, em suma, domina e ilumina os nossos estudos: 'compreender'." (BLOCH, s.d., p.125).

Mas a História não é mobilizada apenas quando o presente se revela insatisfatório ou marcado por graves problemas. Para a autora, pesquisar o passado também é importante para a compreensão de questões epistemológicas de base, como a que se refere à constituição dos saberes e das disciplinas escolares. Ao levantar várias perguntas sobre como são definidas as seleções de saberes escolares, afirma:

(...) as respostas a estas perguntas só serão encontradas se assumida uma perspectiva histórica, que revele o surgimento de cada disciplina escolar e suas transformações ao longo do tempo. (...) É essa perspectiva histórica que pode esclarecer e explicar o estatuto atual das disciplinas curriculares. Este artigo é uma tentativa de aproximação à história da constituição em disciplina curricular, em saber escolar, da área de conhecimento que tem por objeto a língua portuguesa e de, por meio dessa aproximação, explicar e compreender a natureza e os objetos dessa disciplina na escola brasileira dos dias de hoje (SOARES, 2002a, p.156-157).

Em direção semelhante, ao comentar sobre os olhares que vinham sendo construídos sobre o livro didático, aponta a ausência de estudos que abordassem ou relacionassem dois aspectos: a história do ensino e a sociologia do ensino, o que ela justifica como uma perspectiva sócio-histórica adotada no texto:

O que, entretanto, tem faltado entre nós é um olhar sobre o livro didático que se lance do lugar de uma história do ensino e de uma sociologia do ensino, ou seja, um olhar que busque uma perspectiva sócio-histórica do livro didático (SOARES, 1996, p.54).

Ao mesmo tempo, a autora parece ver, na abordagem histórica, a potencialidade que apresenta em proporcionar um distanciamento necessário para avaliar determinados fenômenos:

Talvez sejam essas contribuições de tão numerosas e variadas ciências ao ensino da língua materna que estejam configurando a disciplina português na escola brasileira de hoje; embora não tenhamos suficiente perspectiva histórica para analisar a avaliar um período tão recente - os recém-transcorridos anos 1980 e 1990 - provavelmente o futuro verá este atual momento da disciplina como um momento de mudança de paradigmas... (SOARES, 2002a, p.173-174).

A História, ao lado de outras ciências, contribui, assim, para compreender fenômenos complexos, que exigem uma visão multifacetada. Nesse sentido, a autora busca conjugar análises diacrônicas e sincrônicas de um mesmo objeto. A perspectiva diacrônica para o estudo das concepções de professor no livro didático (SOARES, 2001a), por exemplo, é justificada para compreender, por meio do estudo de vários livros do mesmo período, concepções de um mesmo tempo e suas transformações ao longo de uma série temporal mais longa. Esse duplo movimento permitiria compreender influências e transformações de várias ordens - políticas, sociais, econômicas e educacionais:

Uma análise de como o professor como portador (ou não) de habilidades de leitura foi concebido *ao longo do tempo*, e a busca de compreensão de por que foi dessa forma concebido *em cada momento*, que fatores determinaram que assim fosse, ajudará na compreensão da concepção que hoje se tem do professor como leitor, na identificação dos fatores que estão determinando tal concepção. (SOARES, 2001a, p.33, grifos nossos).

Outra argumentação que Magda Soares utiliza, para fazer uso da abordagem histórica ou revelar uma posição epistemológica que justifique a abordagem do passado, está em seu texto sobre o letramento na cibercultura (SOARES, 2002b). Nele, ela tenta compreender o ineditismo da cultura digital e dos seus usos, modos de produção e divulgação e tecnologias de escrita, usando como contraponto a cultura tipográfica do papel, argumentando que, para entender o que se institui como futuro, é preciso voltar-se ao passado: “Em um movimento de certa forma contrário ao mais frequente, que é o de ampliar a compreensão do presente interrogando o passado que o gerou, tenta-se, neste texto, essa mesma compreensão do presente interrogando o futuro que nele está sendo gerado” (SOARES, 2002b, p.144). Assim, busca flagrar a singularidade do novo letramento reconstruindo o que denomina de “letramento internalizado” (p.147). Para ela, tratava-se de

(...) um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na cibercultura, conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas, o letramento na cultura do papel (2002b, p.146).

Por fim, destacamos que, para Magda Soares, a abordagem histórica, à semelhança de outras perspectivas de pesquisa, apresenta limites. O primeiro deles é que o passado nunca será plenamente conhecido e compreendido. Essa posição da autora é expressa, por exemplo, pelo uso de modalizadores para relativizar os resultados da análise, como se pode verificar no trecho seguinte:

Parece que foi nesse momento que a obra sofreu a primeira alteração: o “aumento” que Carlos de Laet menciona na citação acima e que constou de inclusão de alguns novos textos e autores (...). Na 7a edição, nova ampliação foi feita, *provavelmente* por Carlos de Laet. A partir daí, *parece* que a *Antologia* permaneceu inalterada até a 24a edição. (SOARES, 2001a, p.39, grifos nossos).

Essa necessidade de modalizar a análise é atribuída à própria limitação das fontes, como a autora explicita em nota de rodapé: “Não se pode afirmar com segurança que não houve alterações até a 24a edição porque não foi possível analisar *todas* as edições da obra, várias delas não localizadas (...)” (SOARES, 2001a, p.39, grifos no original). Essa mesma limitação já havia sido discutida em outro trabalho, quando Magda Soares se refere à (im)possibilidade de reconstruir as práticas pedagógicas das disciplinas escolares, ocorridas no passado:

se perdem na transitoriedade de sua ocorrência, na natureza oral e, portanto, fugidia de seu exercício, na ausência do registro de sua realização. Ficam algumas poucas e raras fontes de pesquisa: documentos legais que visam orientar o trabalho docente, cadernos de professores, de alunos, livros didáticos, sobretudo, talvez, livros didáticos que permitem recuperar como se concebia o processo de alfabetização, como se traduzia essa concepção em métodos, em propostas didáticas, até mesmo como se desenvolvia o processo de ensino aprendizagem na sala de aula (SOARES, 2006, p.7).

As limitações também se encontrariam no(a) próprio(a) pesquisador(a) que, ao se voltar para o passado, não consegue se distanciar do presente que vive intensamente. Em outro texto, afirma que não conseguia se desvencilhar do presente e da tarefa de perseguir um futuro melhor para as crianças, entendendo-se, citando Clarice Lispector, como uma “mulher incumbida” (SOARES, 2011). Essa expressão, que traduz a postura da autora, lembrou-nos o conhecido discurso pronunciado por Lucien Febvre, outro dos fundadores dos *Annales*, para os estudantes da *École Normale Supérieure*, em 1941:

(...) para fazer história, virem resolutamente as costas ao passado e antes de mais vivam. Envolvam-se na vida. Na vida intelectual, sem dúvida, em toda a sua variedade. (...) Mas vivam, também, uma vida prática. Não se contentem com presenciar, da costa, preguiçosamente, o que se passa no mar em fúria. (FEBVRE, 1989, p.40).

Assim, ao analisar as publicações em que Magda Soares faz uma aproximação com a história encontramos mais de uma justificativa para mobilizar essa abordagem em seus estudos e pesquisas, destacando-se a presença das palavras explicação e compreensão em alguns textos. Ressalta-se, desse modo, a ideia de que só se pode compreender certos fenômenos - como a história de uma disciplina ou a instituição de determinadas práticas, como ler e escrever na cibercultura - situando-os no tempo. Trata-se, de um lado, de “compreender o presente pelo passado” (BLOCH, s.d., p.39) e, de outro, de “compreender o passado pelo presente” (BLOCH, s.d., p.42).

2. Os “usos” da História: a rememoração, a argumentação e o fazer história

2.1. A história no ato de rememorar

O ato de rememorar, que Magda Soares faz explicitamente no livro *Metamemórias* (SOARES, 1990)¹, é identificado em alguns dos textos que constituem o *corpus* deste artigo. Por meio do trabalho de memória, a autora ilustra e exemplifica movimentos mais gerais que ocorreram em relação, principalmente, a contextos educacionais e movimentos literários. De modo geral, ela evoca sua própria experiência, como estudante, como professora/pesquisadora ou como leitora, para situar certos momentos históricos.

A evocação da experiência é realizada de três modos principais. No primeiro, a autora identifica-se como pertencente a uma certa geração que vivenciou e testemunhou eventos passados. Afirma, por exemplo, que, na história da escolarização da literatura, não se forma propriamente o gosto pela literatura ou a compreensão do literário, mas se aprende aquilo que é considerado certo cânone da cultura literária escolar:

¹ O livro *Metamemórias* não foi incluído no *corpus* analisado por considerarmos que ele pertence a um gênero muito singular: a produção memorialística.

às gerações que frequentaram a escola nos anos 50 e 60: é considerado “falta de cultura” o desconhecimento, por aqueles pertencentes a essas gerações de “ora direis, ouvir estrelas... certo perdeste o senso” ou de “Vai-se a primeira pomba despertada” (SOARES, 2001b, p.28, grifos nossos).

A autora também mobiliza o ato de rememorar quando convoca o leitor a “lembrar-se”, com ela, de horizontes partilhados, para situar determinados momentos históricos. No texto acima referido, por exemplo, cita obra de Monteiro Lobato nessa perspectiva:

(...) *lembre-se*, por exemplo, que Monteiro Lobato, quando publicou *A menina do nariz arrebitado*, em 1921, caracterizou-o, na capa, como “livro de leitura para as segundas séries”, o livro foi anunciado como “um novo livro escolar aprovado pelo governo de São Paulo” (...)” (SOARES, 2001a, p.19, grifos nossos).

O ato de rememorar aparece, ainda, quando a autora evoca experiências muito particulares, para também situar momentos históricos. Ao analisar a emergência de determinada tendência pedagógica para o ensino de português, por exemplo, cita a própria coleção de livros didáticos que escreveu. Ao mencionar o movimento de reunir gramática e textos em um mesmo livro, nas décadas de 1950 e 1960, ela informa: “a autora deste artigo reconhece como exemplo dessa organização a coleção didática que ela mesma publicou nos anos 1960: *Português através de textos*” (SOARES, 2002a, p. 168).

Ao se referir à escrita que teve que produzir para receber a homenagem no I Seminário Internacional sobre a História do Ensino da Leitura e da Escrita (SHIELE), em 2011, acena que o ato de rememorar foi a estratégia escolhida:

(...) na verdade, esta contribuição não foi mais a de ter-me dado conta, em determinado momento, lá nos mais distantes anos 1980, que não era suficiente estarmos a discutir os problemas que tínhamos com a alfabetização sem olhar para o passado, sem buscar a história que nos tinha feito chegar aonde estávamos e... onde infelizmente estamos ainda (SOARES, 2011, p. 35).

A autora rememora, então, momentos vividos em que explicita a sua relação com a literatura e, particularmente, com a poesia e com o poeta Manuel Bandeira. Retoma o poema *Canção do vento e da minha vida*, lido, por ela, aos 20 anos e aos 78 - tempo do evento. O poema evoca o tempo que “leva tudo”, mas também “deixa a vida cada vez mais cheia de tudo”. A autora revela que teve uma espécie de epifania ao se preparar para a homenagem e que, naquele momento, entendia, em outra dimensão, os temas da impermanência, da descontinuidade, da permanência e da continuidade, fundamentais ao pensamento histórico:

(...) o poema fala de descontinuidade, da impermanência – e é o que acontece na nossa vida: o vento/tempo vai varrendo tanta coisa, quando se vai envelhecendo, quando nos retiramos para os bastidores, entregamos o bastão aos jovens... Mas o poema fala, paradoxalmente, da continuidade, da permanência daquilo que não é fugaz, que continua tornando cada vez mais cheia a nossa vida: e pensei: os pesquisadores que formamos, os alunos que tivemos, os leitores que nos lêem, os amigos que fizemos, os afetos... (SOARES, 2011, p. 37).

Assim, por meio da evocação de momentos vividos, muitos dos quais compartilhados pelos leitores e/ou por outras pessoas de sua geração, a autora inscreve seus estudos na história. É importante destacar que o ato de rememorar não é produzido de forma isolada de outros atos, como a perquirição à bibliografia e a fontes documentais. Além disso, ele é acompanhado, muitas vezes, pelo gesto de mobilizar livros de seu próprio e precioso acervo pessoal, formado ao longo de décadas.

2.2. A história como argumentação

Magda Soares também recorre à história como recurso para desenvolver a argumentação quando discute alguns conceitos ou problemas contemporâneos. A história é vista, então, como uma espécie de lastro que deve ser considerado, para adensar a compreensão do presente. Ao realizar esse trabalho, a autora mobiliza dados secundários, fontes históricas e bibliografia de apoio.

A mobilização de dados secundários aparece explicitamente em seu clássico texto *Alfabetização: as muitas facetas* (1985). Nele, a autora inicia a exposição apresentando breve série histórica que revela as desigualdades envolvidas nos resultados da alfabetização e na progressão das crianças nas escolas públicas, que apresentavam em torno de 50% de reprovação naquele período.

A recorrência a fontes documentais para subsidiar a construção de argumentos é também frequente. No texto sobre a escolarização da leitura literária, certo olhar para a história é revelado para discutir a existência (ou não) de uma literatura propriamente infantil e para pensar a relação entre escola e literatura, a partir do passado. Nessa direção, ela retoma texto escrito por Carlos Drummond de Andrade, em 1940, para provocar o leitor e elaborar seus argumentos: “criança seria diferente de homem? “seria a criança um ser à parte?” (SOARES, 2001b, p.18). Nessa mesma direção, explora, como fonte, dados dos paratextos do livro de Monteiro Lobato, *A menina do nariz arrebitado*, de 1921, que apresenta direcionamento explícito para a segunda série escolar. Assim, a mobilização que faz das fontes tem a função de argumentar sobre o lugar que a literatura ocupa em cada tempo e como o campo literário se relaciona com fenômenos educacionais, sociais e econômicos mais amplos.

Magda Soares também recorre à bibliografia, principalmente a trabalhos realizados nos campos da história da educação, da história da leitura e da escrita e da história das relações entre oralidade e escrita, para sustentar argumentos sobre problemas do presente. Em publicação que tematiza a leitura e a escrita na cibercultura, grande parte de sua argumentação se vale da comparação entre a cultura oral e a cultura do papel (SOARES, 2002b). Assim, ela recorre à história, baseada em estudos clássicos sobre o tema, para refletir sobre grandes movimentos ocorridos ao longo do tempo, como aqueles observados na cultura oral, com a introdução da escrita, desde a antiguidade; a mudança da cultura quirográfica (manuscrita) para a tipográfica (invenção da imprensa) e o mundo contemporâneo, marcado pela presença da cultura escrita digital. Entre os autores citados, estão Walter Ong, Eric Havelock, Milman Parry, Albert Lord e Jack Goody. Para analisar as tecnologias da escrita e seus modos de produção e de divulgação, também recorre à história da cultura escrita, apropriando-se de autores como David Olson e Roger Chartier. Assim, nesse texto em que discute um tema contemporâneo, significativa parte da argumentação se faz com base em estudos históricos: das 23 referências usadas por ela, 10 se relacionam a estudos de longa duração sobre cultura escrita e letramento.

No texto sobre a escolarização da leitura literária (SOARES, 2001b), Magda Soares recorre à bibliografia sobre o tema para reconstruir os sentidos dados à literatura na história e na escola, desvendando seu caráter formativo e educador. Nesse trabalho, retoma o que vários estudos históricos, como os de Marisa Lajolo e Nelly Novaes Coelho, citados por ela, já haviam desvelado sobre o uso da literatura para outros fins que não os propriamente literários, como para a produção do civismo e da moralidade.

Em síntese, o uso da história como sustentáculo para produzir argumentos, adotado pela autora em vários trabalhos, pode ser explicado pela ideia de que a comparação ou o contraste - entre tempos históricos distintos - pode ser uma potente ferramenta para compreender fenômenos contemporâneos, principalmente quando analisados sob um olhar, como o da autora, multifacetado e multirrelacional, próprio de quem estuda os fenômenos em redes epistemológicas mais amplas.

2.3. A história como abordagem de pesquisa

Em, particularmente, dois dos textos (SOARES, 2001a, 2002a) analisados neste artigo, Magda Soares se aproxima daquilo que, contemporaneamente, tem-se compreendido como pesquisa histórica, já que apresentam características consonantes com essa disciplina, como, por exemplo, a necessidade de inscrever a problemática em uma temporalidade determinada e a utilização de fontes documentais de modo central. Em ambos, a autora explicita a sua filiação a uma tendência historiográfica - a história das disciplinas escolares - e mobiliza o livro didático como principal fonte de pesquisa.

O campo de conhecimentos denominado de história das disciplinas escolares tem origem, principalmente, na História da Educação de tradição francesa e nos estudos de currículo anglo-saxões. Associa-se, mais amplamente, à área de investigação que se debruça sobre a história dos processos de escolarização. No trabalho publicado em 2002 (SOARES, 2002a) sobre a história do Português como disciplina, Magda Soares indica que, para entender o surgimento das disciplinas escolares e suas transformações, o campo de estudos recomendado é exatamente a

(...) história das disciplinas escolares, área de conhecimento recentemente instaurada no campo da história da educação, que permite recuperar o processo de instituição e constituição de certos conteúdos em disciplina curricular, identificar e compreender sua evolução (SOARES, 2002a, p.157).

Nesse mesmo trabalho, explicita que o estudo das disciplinas escolares ajuda a compreender, mais amplamente, os processos de escolarização e a própria história da instituição escolar, que institui tempos e espaços específicos para o ensino (SOARES, 2002a). É interessante observar que a autora cita, nesses estudos, algumas obras que haviam sido traduzidas, nos anos 1990, para o público brasileiro, como o livro de André Petitat, *Produção da escola, produção da sociedade*, e artigos de autores considerados seminais na elaboração de tal tendência, divulgados, especialmente, no periódico *Teoria & Educação*. No período em que a autora produziu os referidos textos, também se destaca a ampliação da manualística, ou seja, o estudo dos manuais didáticos como fonte e como objeto de pesquisa histórica. Essa ampliação pode ser constatada pelo volume de pesquisas, publicações e eventos sobre o tema, ocorridos naquele momento². Em texto de 1996, Magda Soares já anunciava o estudo do livro didático como fonte para compreender, entre outros fenômenos, a história das disciplinas escolares (SOARES, 1996). Autores como Pfromm Neto et al. e Márcia Razzini, brasileiros considerados pioneiros no estudo da história dos manuais escolares, são também citados pela autora.

Ao analisar os livros didáticos, Magda Soares se aproxima, embora não as cite explicitamente, de outras tendências teóricas, como a história do livro e da leitura. Questões como a autoria e o perfil de autores, as edições, a morfologia dos manuais e a materialidade tornam-se cruciais na análise, fazendo com que ela mobilize estudos sobre remessas feitas por livreiros, citando, por exemplo, o trabalho pioneiro de J. G. Diniz, de 1959, e pesquisas sobre a edição e história do livro no Brasil, como o clássico estudo de Laurence Hallewell (1985).

O artigo *O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor* (SOARES, 2001a) é, certamente, o estudo em que Magda Soares realiza, de forma mais aproximada, o “fazer história” (CERTEAU, 1982). Trata-se de um texto longo, de 45 páginas, publicado como capítulo de livro em uma coletânea, e talvez um dos menos conhecidos da autora. Em *Português na escola: história de uma disciplina curricular* (SOARES, 2002a), por sua vez, a autora aborda a constituição da disciplina de Português em uma perspectiva de longa duração.

² Para uma síntese desse movimento, ver, entre outros, Choppin (2002).

Em consonância com o debate historiográfico realizado nas últimas décadas, explicitado no título do livro *Faire l'Histoire: nouveaux problèmes* (LE GOFF, NORA, 1974)³, Magda Soares parte de uma problemática para realizar as pesquisas que resultaram nos referidos capítulos. Para a autora, no caso do primeiro texto, as fontes mobilizadas - dois livros didáticos publicados entre o final do século XIX e os anos 1970 do século XX - não são capazes, por si próprias, de fazer compreender a realidade, mas são relevantes para auxiliar a responder perguntas postas pelo(a) pesquisador(a) nessa direção. O problema elaborado pela autora diz respeito à necessidade de se compreender como, ao longo do tempo, concepções sobre o professor e, especificamente, sobre o professor-leitor, vão sendo produzidas e transformadas. No contexto dessa problemática, a questão por ela formulada é a seguinte: “Que concepções do professor como leitor estão supostas nos livros didáticos, mais especificamente, nos livros didáticos para a disciplina Português, que visa, entre outras coisas, mas talvez principalmente, a formar leitores?” (2001a, p.31). A autora, então, formula uma hipótese para essa pergunta:

Esse movimento histórico de alterações na concepção do professor como leitor, que se identificaria subjacente aos livros didáticos, certamente se revelaria correspondente ao movimento da concepção do “professor”, em geral: um profissional que vai sendo considerado, ao longo do tempo, cada vez menos capaz de assumir autonomamente a ação docente, num movimento em que a *profissão* “professor” vai-se transformando em *trabalho* e o *profissional*, em trabalhador. Nesse quadro, vai-se dando, ao longo do tempo, cada vez menos crédito às competências do professor de Português como leitor e às suas possibilidades de ser um bom formador de leitores. (SOARES, 2001b, p.33-34, grifos no original).

No capítulo sobre a constituição da disciplina de Português (SOARES, 2002a, p.157), a autora também parte de uma pergunta: de que modo ocorreu a constituição “da área de conhecimento que tem por objeto a língua portuguesa” em disciplina curricular, em saber escolar? Essa pergunta, por sua vez, se insere em uma problemática mais ampla, discutida no campo da história das disciplinas escolares: “por que processos e com que critérios certas áreas de conhecimento, e não outras, são escolhidas para compor o currículo escolar? por que processos e com que critérios certos conteúdos, recortados de um certo campo do conhecimento, constituem-se em uma disciplina escolar?” (SOARES, 2002a, p.174).

De modo semelhante ao que ocorre em outros escritos, as principais fontes mobilizadas pela autora nos dois estudos são constituídas por livros didáticos. No primeiro caso (SOARES, 2001a), as diferentes edições da *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, publicada entre 1895 e 1969, e o livro *Estudo Dirigido de Português*, de Reinaldo Mathias Ferreira, cuja primeira edição data de 1971, são tomados como *corpus* principal de análise. No segundo caso (SOARES, 2002a), a autora utiliza, como principais fontes, diversas obras publicadas entre os séculos XVI e XX, como gramáticas, ortografias e manuais de retórica.

Como demanda o rigor da pesquisa histórica, no entanto, outras fontes são também mobilizadas. Em Soares (2001a), além dos dois livros didáticos, ela utiliza, ao longo da análise, outros livros escolares voltados para o ensino de Português (como seletas e antologias), publicados no período estudado, além de outras tipologias de fontes, como legislação, obras memorialísticas, crônicas, depoimentos pessoais de professores e um pequeno manual de orientação para o uso da *Antologia Nacional*, escrito por um professor e publicado em 1930. Todas essas fontes são mobilizadas para

3 O livro faz parte de três volumes, que reúne textos seminais da denominada “Nova História”. A obra foi publicada no Brasil, em 1976, pela editora Francisco Alves, com os títulos: *História: novos problemas*; *História: novas abordagens* e *História: novos objetos*.

melhor compreender os próprios livros que compõem o *corpus* principal, mas, sobretudo, para dar maior inteligibilidade à problemática de pesquisa - as concepções de professor-leitor e de formação do aluno-leitor a eles subjacentes. A análise das memórias, algumas das quais publicadas por escritores legitimados no campo literário, como Manuel Bandeira e Pedro Nava, permite à autora trazer elementos que indicam as finalidades e os modos de uso da *Antologia Nacional* em sala de aula: o livro era lido predominantemente em voz alta e servia aos estudos gramaticais, ensino de ortografia e leitura de lazer. Por outro lado, em Soares (2002a), ao lado dos livros voltados para a aprendizagem da língua portuguesa, a legislação e, particularmente, as reformas de ensino, são também tomadas como fonte.

Os critérios para a escolha do *corpus* principal de análise são claramente evidenciados no primeiro texto: foram livros largamente utilizados nas escolas e representam dois momentos diferentes das concepções de professor-leitor investigadas pela autora (SOARES, 2001a). Embora não utilize a expressão, podemos considerar que a autora opera com o que Passeron e Revel (2005) denominaram de “pensar par cas”, ou seja, os livros auxiliam a compreender realidades mais amplas e, se não podem ser representativos de todos os livros didáticos publicados no período, representam, mesmo com suas singularidades, o fenômeno investigado. Por sua vez, em Soares (2002a), os critérios para a escolha dos livros não são explicitados, mas a autora apoia-se em estudos já realizados sobre o tema para destacar a relevância que tiveram para a compreensão da problemática proposta.

Que tratamento a autora dá, então, às principais fontes da pesquisa? Embora não explicita a sua filiação à História Cultural, podemos identificar, nos procedimentos por ela adotados no artigo sobre as concepções de professor-leitor, perspectivas semelhantes às sistematizadas por Roger Chartier (1990), quando distingue texto e impresso, afirmando que essas duas dimensões são constitutivas da produção dos sentidos.

Em relação ao impresso, Magda Soares analisa, por exemplo, o formato da *Antologia Nacional*, publicado em um único volume que, em sua primeira edição, tinha quase 600 páginas e era denominado, por seus autores, como “econômico e portátil” (SOARES, 2001b, p.48). Por meio da análise de outros livros didáticos publicados no período, a autora constata que, somente a partir dos anos 1940, os manuais didáticos para o ensino de Português fragmentaram-se em volumes, destinados a diferentes séries. O tamanho dos excertos selecionados, assim como o formato e o tamanho das letras, também é analisado. O impresso *Estudo Dirigido de Português* é também investigado pela autora, que constata, entre outros aspectos, a sua publicação em quatro volumes, cada um destinado a uma série, a presença de ilustrações coloridas e de espaços para respostas de exercícios que tornavam a coleção “descartável”. Além disso, a coleção foi, segundo a autora, uma das primeiras (ou a primeira) a oferecer o “livro do professor”, que trazia os objetivos da coleção, orientações metodológicas, sugestões de atividades e,

o que seria impensável até os anos 60, as respostas dos exercícios. E mais: a coleção inclui ainda, em cada volume, duas “sugestões de prova”, uma “com estudo de texto”, outra “sem estudo de texto”, em que até o valor a ser atribuído a cada questão é proposto, apresenta também um “teste de sondagem”, em página destacável, com o objetivo de “proporcionar ao professor o conhecimento de cada aluno, quanto aos *hábitos e preferências*” (SOARES, 2001a, p.71-72, grifos no original).

O estudo da materialidade não se revela, assim, na pesquisa realizada, como ilustrativo, mas como constitutivo da problemática formulada.

No que se refere à análise do texto, Magda Soares prioriza o exame da estrutura/organização dos livros e dos paratextos. Em relação à primeira dimensão, para ela, os “critérios que orientaram a seleção de textos e de autores a serem incluídos na *Antologia Nacional* revelam a concepção de leitura escolar que tinham os seus dois autores e também os professores, dada a grande aceitação que teve a obra e sua ampla adoção nas escolas.” (SOARES, 2001a, p.40). Nessa direção, a autora, inicialmente, quantifica os autores brasileiros e portugueses presentes no livro ao longo das diferentes edições, o que a faz concluir que “(...) vai ocorrendo, ao longo das primeiras décadas do século, uma progressiva ‘nacionalização’ da leitura escolar” (SOARES, 2001a, p.43). A análise da nacionalidade dos autores permite, assim, compreender o problema de pesquisa proposto: passa-se, aos poucos, de uma concepção do professor como leitor e conhecedor das literaturas portuguesa e brasileira para a visão de que “o professor formador de leitores deveria ser um indivíduo familiarizado sobretudo com a literatura brasileira (...)” (SOARES, 2001a, p.43).

A autora também verifica a organização dos textos na *Antologia*, para analisar diversos aspectos que revelariam as concepções de leitura e de professor leitor subjacentes à obra. Entre esses aspectos, está o critério privilegiado pelos autores para ordenar os excertos, como o de apresentar prosadores e poetas, usando o critério literário, e o de organizá-los cronologicamente, do presente para o passado, com base nos movimentos literários. A autora constata que somente na edição reformulada por Daltro Santos houve o acréscimo de fases - a medieval e a contemporânea - em consonância com as mudanças demandadas pela Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942. Essas transformações obrigaram o adaptador, conforme ele mesmo expressa no Prefácio, a suprimir ou encurtar trechos presentes nas edições anteriores, de modo a manter um volume semelhante de páginas. Na análise da autora, nesse movimento: “Percebe-se claramente que se estava configurando uma nova concepção de leitura escolar, de professor-leitor e de formação do aluno-leitor” (SOARES, 2001a, p.51), em que textos longos demais já não eram considerados adequados.

Em uma perspectiva contrastiva e comparativa, Magda Soares (2001a) também analisa a estrutura geral da coleção *Estudo Dirigido de Português*, que se revela completamente distinta da *Antologia Nacional*. Para cada um dos textos dos livros, havia uma questão motivadora, a explicação de palavras ou expressões consideradas de difícil compreensão, dados bibliográficos do autor, questões relacionadas ao texto, em relação à compreensão das ideias e do vocabulário, além do “estudo da composição” (p.71).

A autora também analisa paratextos como prefácios, “antelóquios” e apresentações. A análise do prefácio da primeira edição da *Antologia Nacional*, por exemplo, serviu para compreender a escolha, pelos autores, do termo “antologia”, enquanto a análise do “antelóquio”, de 1913, foi importante para identificar quando a obra sofreu as primeiras alterações. A autora também analisa os prefácios das diferentes edições para apreender os critérios usados pelos dois autores para selecionar os textos e escritores a serem incluídos na *Antologia Nacional*: “representatividade e legitimidade dos escritores no campo literário” (SOARES, 2001a, p.40), a não inclusão de escritores vivos, a presença de autores brasileiros e portugueses, temas “voltados para as questões brasileiras” e que respeitassem “valores morais e éticos” (SOARES, 2001a, p.44). Ao explorar a apresentação do *Estudo Dirigido de Português*, a autora analisa os leitores pretendidos – alunos e professores -, constatando que Reinaldo Mathias Fleury reconhece as novas condições de trabalho em que se encontra o professor, que ele denomina de “atarefado”, e as condições sociais dos estudantes, que poderiam ter problemas financeiros (SOARES, 2001a, p.70). A análise desse paratexto permite, ainda, à autora, verificar que o autor se preocupa, explicitamente, em escrever um livro que faça o planejamento das aulas para o professor.

As folhas de rosto de várias edições da *Antologia Nacional* também são analisadas para mostrar que a obra era adotada por três estabelecimentos de ensino considerados modelares, indicação que, segundo ela, servia como “testemunho e garantia” da qualidade do livro (SOARES, 2001a, p.38). Seu desaparecimento, na 25a edição, seria explicado a partir da “democratização do ensino, que se acelera a partir dos anos 40, e a conseqüente multiplicação de escolas”, quando os três estabelecimentos “deixam de ser tomados como modelo para o ensino e para a escolha de manuais didáticos.” (p.39).

Magda Soares analisa, ainda, outros paratextos, como as “notícias bibliográficas antepostas ao primeiro trecho de cada autor” e “Noções elementares de sintaxe da proposição simples e da proposição composta”, presentes na *Antologia Nacional* até, respectivamente, a 24a e a 37a edições. A autora interpreta a presença desse último paratexto, que ocupava 9 páginas, como indicador de que os excertos também deveriam servir ao estudo da gramática. Na 38a edição, ele tem a denominação modificada para “Nomenclatura Gramatical Brasileira”, o que é explicado, por ela, como adequação a uma portaria de 1959 do Ministério da Educação; assim, a fonte mobilizada, a legislação, explica mudanças nos fatores internos aos livros. A autora também identifica que, somente na 25a edição, publicada nos anos 1940, “rápidas notas esclarecedoras”, sobre “o léxico, a formação de palavras, a análise de construções sintáticas, o paralelo entre expressões próprias do português de Portugal e do Brasil” (SOARES, 2001a, p.54), dirigidas aos alunos, foram acrescentadas, o que, em sua interpretação, revela, mais uma vez, que o livro supunha um professor capaz de realizar o trabalho em sala de aula autonomamente. A ausência de paratextos a ele dirigido, comuns nos livros escolares publicados a partir dos anos 1970, faz a autora chegar à seguinte conclusão:

A *Antologia* nunca apresentou exercícios ou sugeriu atividades, quer de literatura, quer de língua. Isso evidencia que, na sala de aula, o trabalho de leitura e o estudo dos textos ou, através deles, o estudo da língua, era confiado ao professor: o livro dependia dele que, na concepção dos autores, seria um leitor capaz de analisar os textos tanto do ponto de vista da literatura quanto da língua, e em condições de utilizá-los didaticamente, para formar bons leitores. Na ausência de exercícios, de atividades, a *Antologia* deixava a forma de sua utilização nas mãos do professor, autônomo para planejar e executar suas aulas de Português, tendo a coletânea de textos apenas como um material didático facilitador de sua ação. (SOARES, 2001a, p.55).

A análise dos livros didáticos no capítulo sobre a constituição do Português como disciplina escolar, por sua vez, é distinta (SOARES, 2002a). Nele, os diferentes manuais citados não são objeto de perquirição detalhada, mas compõem ao texto como exemplares das tendências predominantes nos diferentes momentos históricos abordados pela autora. Toda a interpretação e a conclusão elaboradas pela autora somente são possíveis de serem realizadas porque ela mobiliza, ao longo das análises, bibliografia e/ou fontes complementares que permitem reconstruir múltiplos contextos em que a problemática central se insere, sejam eles contextos políticos, contextos educacionais - marcados por reformas de ensino e pela predominância de certas tendências pedagógicas e manuais escolares - ou contextos editoriais.

Considerações finais

Nos textos de Magda Soares analisados, encontramos várias apropriações da perspectiva histórica sobre os fenômenos que analisa, embora prevaleça um olhar sustentado pela adoção da história das disciplinas escolares como tendência predominante.

Do ponto de vista das fontes, os livros didáticos se destacam como principal/mais fértil fonte de pesquisa, mas ela os põe em diálogo e cruzamento com outros impressos, obras memorialísticas, depoimentos orais, legislação e outros documentos oficiais, como programas de ensino (SOARES, 1996, 2001a, 2002a).

A perspectiva epistemológica que baseia suas perguntas e análises está fundada no diálogo dos objetos específicos com múltiplos contextos. Quando toma a língua portuguesa como objeto de uma área de conhecimento e como objeto de ensino, por exemplo, estabelece relações com outros componentes curriculares (retórica, poética, gramática), com o contexto social e político de cada época e com seus usos no cotidiano, ao lado de outras línguas (a geral e o latim) (SOARES, 2002a). Da mesma forma, ao buscar compreender as mudanças na concepção do professor-leitor ao longo do tempo (SOARES, 2001a), ela relaciona as discussões teóricas às condições socioeconômicas de estudantes e professores, às políticas governamentais, às condições de formação e de atuação dos docentes, articulando e mobilizando, na análise, de maneira dinâmica, fatores internos e fatores externos ao objeto.

Coerente com a ideia que defendia publicamente⁴, baseada em personagem do *Memorial do Convento*, de José Saramago (1982), de que precisamos entrar no “tempo das perguntas”, muitas das indagações que propôs e que conduziram suas análises dialogavam com temas e metodologias que estavam sendo produzidos em áreas afins. Assim, mesmo assumindo determinada tendência, como a história das disciplinas escolares, ela aborda os objetos com base em discussões que estavam sendo feitas no tempo em que produzia seus textos como, por exemplo, a manualística, a história do livro, da leitura, da edição e da literatura.

Os problemas que propõe - mesmo quando apenas os indica como desdobramentos de sua pesquisa-, a sua metodologia de análise, assim como a epistemologia que constrói, são condizentes com a multiplicidade de relações que podem ser feitas a partir de uma delimitação temporal específica e de um objeto, quando se adotam várias escalas de análise. É por isso que a autora não confunde legislação e prescrições com práticas. É por isso que ela encontra explicações educacionais, sociológicas, econômicas, culturais, entre outras, para fenômenos singulares. Pode-se dizer que Magda Soares vê fenômenos como a constituição das disciplinas, o livro didático, a produção do professor/aluno como leitores, sob o prisma das relações entre educação e as múltiplas esferas da sociedade - e a história contribui como mais uma das evidências dessas relações.

Ao concluir este texto, é inevitável pensar que poderíamos ter debatido com ela, de modo mais aprofundado, todas essas questões, particularmente, as expectativas sobre o papel da história ou sobre o que justifica o estudo de determinados objetos nessa abordagem. As marcas da sua concepção estão em nossa formação, na medida em que fomos suas orientandas, ao mesmo tempo em que trilhamos um percurso próprio, em que a pesquisa histórica se tornou central em nossa trajetória. Nessa condição, compreendemos que a escolha de um objeto nem sempre se relaciona a uma crise de um problema no presente e que, fazendo história, podemos analisar fenômenos em mudança e em permanência. Poderíamos discutir ainda que, se esses estudos nos levam à compreensão, nem sempre evitam a repetição dos problemas e nem sempre contribuem para as suas soluções. Mas, certamente, nos fornecem mais uma ferramenta para analisá-los, de modo multifacetado, em sua complexidade.

4 Quando recebeu o prêmio Almirante Álvaro Alberto para a Ciência e Tecnologia, do CNPq, em 2015, Magda Soares, em seu discurso, evoca esse trecho do romance para argumentar sobre a necessidade de “responder ao apelo por compreensão”. Ver a íntegra do discurso em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/discurso-de-magda-soares.html>

Referências

- BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa: Publicações Europa-América, s.d.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*, Pelotas, v. 6, n. 11, p. 5–24, abr. 2002.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1989.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- PASSERON, Jean-Claude; REVEL, Jacques (Dir.). *Penser par cas*. Paris: EHESS, 2005.
- SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.
- SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 52, p.19-24, fev. 1985.
- SOARES, Magda. *Metamemórias: travessia de uma educadora*. São Paulo. Cortez, 1991
- SOARES, Magda. Um olhar sobre o livro didático. *Presença pedagógica*, v.2., n.12, nov/dez 1996.
- SOARES, Magda. O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor. In: MARINHO, Marildes (org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2001a.
- SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy; BRANDÃO, Heliana Maria Brina e MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b.
- SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002a.
- SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p.143-160, dez. 2002b.
- SOARES, Magda. Prefácio. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Orgs.). *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: CEALE, 2006.
- SOARES, Magda. Encontro em Marília. In: MORTATTI, Maria do Rosário (Org.). *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. Marília. Cultura Acadêmica Editora. 2011.

Recebido em: 07/06/2023

Aceito em: 30/06/2023